

95.5. PARTIDA PARA TIMOR 18.2.2011

Éramos um grupo díspar de seis pessoas naquele voo, para além de ser a primeira vez que tropas portuguesas iam para Timor de avião. Íamos rumo ao Oriente exótico e desconhecido, mas a primeira noite seria passada em França onde dormimos num Hotel mesmo em frente às galerias Lafayette em Montmartre, hotel económico a umas centenas de metros do trottoir onde as senhoras da noite tinham o seu métier.

Hotel Antin Trinité Opéra Paris France



74, rue de Provence 75009 Paris



■ Dans son nom, tout le charme d'un quartier au coeur de Paris...Les Galeries Lafayette sont juste en face, l'Opéra est tout proche et le Louvre ou Montmartre à quelques minutes à pied en flânant. Dans cet environnement privilégié, Antin-Trinité inscrit l'élégance d'un hôtel de tradition, convivial et raffiné. Une courtoisie qui s'exprime dans sa façon chaleureuse de vous accueillir. Une ambiance agréable et un excellent confort à découvrir : 46 chambres calmes et spacieuses (télévision, Canal+, satellite), petit déjeuner généreux servi sur buffet ou dans votre chambre avec les journaux du matin. La disponibilité d'une équipe dynamique à votre service.

■ The name alone depicts all the charm of a quarter in the heart of Paris...From the hotel, you will find the Galeries Lafayette department store directly opposite, the Opera nearby and the Louvre Museum or Montmartre just a few minutes' stroll away. With its exclusive setting, the Antin-Trinité truly represents the elegance of a traditionally friendly atmospheric hotel. A hotel where courtesy prevails in the warmth that we always offer along with a pleasant ambience in our 46 quiet

and spacious rooms. A generous breakfast is served at the buffet or in your room with the morning papers. The attentiveness of a staff, with the personal touch are ready to be at your service.

 Idéalement situé, l'hôtel Antin-Trinité possède tous les atouts pour vous faire découvrir et aimer Paris. A sa porte une grande diversité de restaurants vous permettra d'apprécier tous les styles de cuisine et le meilleur de la tradition culinaire française. Les cafés et leurs terrasses animées seront les étapes de vos promenades parisiennes. Les théâtres et cinémas vous proposeront les derniers spectacles à l'affiche.... Une animation nocturne qui séduit les visiteurs du monde entier.

 The Hôtel Antin-Trinité is ideally located to offer everything you could ever need in discovering Paris. On the doorstep, a wide range of restaurants featuring every style of cooking and the very best in traditional French cuisine. The cafés and lively outdoor terraces will delight you as you wander through Paris. The theatres and cinemas bring you the latest shows and the famous Parisian night-life is waiting to enthrall visitors from all over the world.



Opéra

Montmartre

On ne résiste pas au plaisir du shopping dans un quartier qui recèle des trésors... les Grands Magasins, hauts lieux de la mode, les parfumeries de l'Opéra. Mais aussi les épiceries fines où les gourmets trouvent le meilleur du terroir français, et le nouveau Passage du Havre avec les 41 boutiques de sa galerie marchande pour les cadeaux et les souvenirs...



Galeries Lafayette

When the time comes for shopping simply stepping out of the hotel uncovers hidden treasures - a pleasure you can't resist - the Main Department Stores, the Mecca of fashion, the perfume shops in the Opera quarter, the FNAC center a meeting place for literature, music and video buffs. Not to mention the gourmet food shops where epicures can find the finest regional delicacies France has to offer, and the new Passage du Havre featuring a shopping centre of 41 boutiques with gifts and souvenirs galore...

LES CHAMBRES



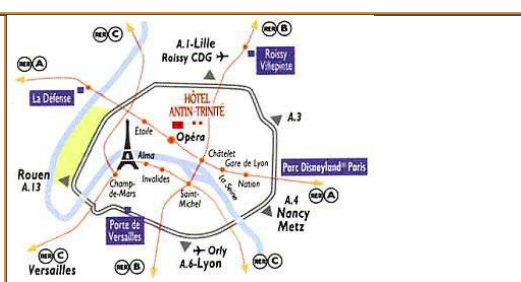
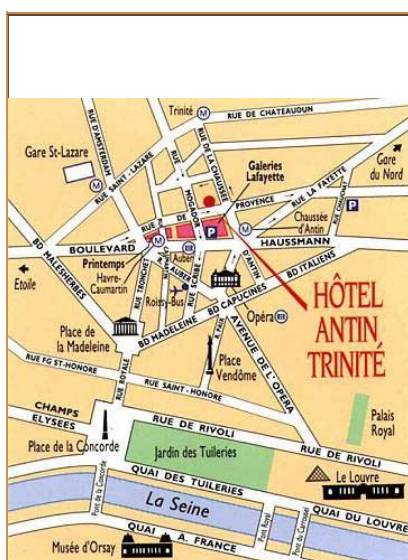
 Vous apprécierez le confort et la tranquillité de ses chambres parfaitement équipées.

 The advantage of high standard comfort in an outstanding location.



Petit déjeuner Buffet
Buffet Breakfast
10 €

Café, thé, chocolat
Jus de fruits, céréales
Yaourts, fromage, jambon
Viennoiseries, pain, beurre,
Confiture, miel.



METRO : Chaussée d'Antin
RER : Auber
(express metro) Direct EuroDisney connection
BUS : Opéra



Parking à proximité
Parking nearby

Como já conhecia a cidade, levei alguns camaradas a jantar, mas tive de os controlar pois não sabiam que se tratava de vinhos franceses bem fortes e não estando habituados corriam riscos. Jantamos num pequeno bistro onde pude fazer as honras de *connaisseur* dos vinhos meus favoritos (Borgonha e Bordeaux). O jantar foi mesmo ao lado do hotel, a curta distância do Boulevard Haussman, e no “bistro” havia mesas de xadrez vermelho e branco tal como em alguns locais típicos portugueses daquela época. O vinho era servido em *carafes* de litro que se esvaziavam rapidamente. Se a “*nouvelle cuisine française*” já tinha sido inventada nem me recordei, pois o que serviram era em pratos de tamanho normal e com comida abundante e não os enormes pratos, sem comida nenhuma, que caracterizam aquela roubalheira da nova cozinha francesa.

Na manhã seguinte, quando me levantei, já todos estavam no autocarro que nos iria levar ao aeroporto de Orly. Fi-los esperar durante uma hora, observando-os da janela do 1º andar e pensando se os 16 contos que levava me dariam para sobreviver seis meses em Paris. Sim, porque eu já pensava havia muito em desertar, mas nem o meu pai nem o meu mecenas (que era o meu padrinho e administrador do Banco Totta & Açores) se haviam mostrado dispostos a condescender com essa fuga minha.

Adorava Paris por já lá ter estado e tinha um medo incontrolado do desconhecido que me esperava em Timor. Inicialmente pensei que o meu pai (apesar de frustrado por não ter sido admitido para o serviço militar durante a Guerra, por ser demasiado magro) me poderia apoiar financeiramente nessa fuga escandinava ou para os Países Baixos ou mesmo para França para onde tantos conhecidos haviam já desertado. Pois bem foram esses pensamentos que me ocorreram durante essa longa hora em que não abri a porta a ninguém nem atendi o telefone interno. Decidi ir, pois tinha a certeza de que o meu pai jamais me apoiaria nessa fuga (para ele bem desonrosa) e desci para alívio dos restantes e consternação do senhor Neves, da Air France e nosso guia, que pensava que íamos perder o avião.

Apenas o capitão Manuel Alberto Santos Clara (um dos poucos militares que sempre respeitei e de quem me tornei amigo apesar de não o ver desde 1982 ou 1984) teve direito a primeira classe pois os restantes estavam destinados à classe económica, exceto eu que estava destinado (como sempre) a voos bem mais altos.

Com a minha habitual desconfiança, e umas palavras bem sussurradas em Francês aliadas a um sangue latino quente, conseguiram que uma simpática hospedeira me levasse para o bar no 1º andar do Boeing 747 onde passei o resto da viagem a beber champanhe francês e a apreciar as vistas magníficas do andar de cima do avião.

Fizemos uma paragem em Telavive onde entraram tropas israelitas que revistaram tudo e todos e até se deram ao trabalho de desmontar uma máquina de barbear elétrica minha. Foi a primeira vez que vi medidas de segurança semelhantes às que passariam a vigorar no resto do mundo após a

queda das Torres Gémeas em 9/11 (11 de setembro 2001). O cenário em volta era de guerra e havia aviões de combate na pista. Estávamos a duas semanas da Guerra dos Seis Dias.

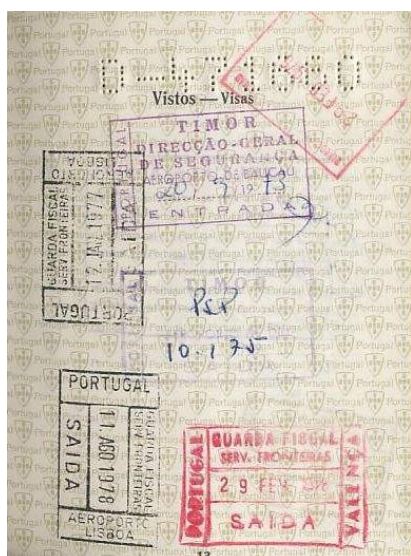
Rumamos depois para Bangucoque, então uma pacata cidade asiática ainda não vítima do turismo de massas, onde na pista ruminavam búfalos de água e os quais era preciso afugentar à chegada de cada avião.

Na página seguinte um poema escrito naquela altura descreve melhor esta viagem. Até aqui a viagem fora ótima na companhia da hospedeira da classe económica que passou mais tempo comigo no luxuoso conforto daquele primeiro andar do que nas funções dela para espanto do futuro Major Santos Clara que tendo de facto direito à primeira classe estranhava a minha presença ali.

Mais tarde ficaríamos amigos, um dos poucos militares com quem me dei socialmente após o SMO (Serviço Militar Obrigatório). Em Bangucoque mudou a tripulação e eu perdi os meus privilégios e a companhia simpática da gaiata hospedeira parisiense.

Aterramos então em Denpasar (Bali) na Indonésia onde me assustei com o tamanho das enormes baratas voadoras que pisávamos enquanto andávamos rumo ao terminal por entre o calor abrasador e húmido, semelhante ao de Bangucoque.

Daqui partimos num pequeno bimotor de oito lugares para o aeroporto “internacional” de Baucau pois que o de Díli não estava operacional por qualquer razão que não me ocorre. Apesar da beleza da trovoada e dos relâmpagos que não cansavam de iluminar milhentas ilhas vulcânicas do arquipélago a viagem fez-se sem grandes sobressaltos.



Entrada
em Timor
a 20
setembro

EURASIAMENTE à vol de 747b

Não encontrei vestígios das cartas descritivas que então escrevi, mas ficou escrito o registo da primeira ida e da chegada a Banguécoque:

I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

alando de paris logo passamos o azur da côte

sem escândalos nem coroas arruinadas

escarpas e praias despidas de homem

nove mil metros restituem à natura

impolutas ficções

(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias

logo a seguir à itálica bota

corfu vigia em tons de ocre

em tempos creta foi nome de ilha

na mitologia de zeus).

da turca ankara sobrevoámos izmir

mandam-nos regressar

estamos no oriente-do-meio

a guerra volta dentro de dez dias

e só dura seis

telavive é um amontoar branco de colinas

um algarve deslocado

na planície árida velhos aero-despojos

entram comandos auto-metralhadorizados

importunam

espiam

revistam

obrigados e silentes

somos a abrasadora quietude do jumbo

partiremos

sempre mais tarde que previsto

no deserto amarelecido qual alentejo

repousam monstros de muitas lutas

nos kibbutz labutam formigantes sionistas

- este povo traz consigo o estigma

da aniquilação

própria e alheia

cheira a morte. -

cheiram a morte!

II. A TERRA DOS PERSAS

embaixo sorriem sombras

minúsculos pontos rasgando a treva

quilómetros de fantasmas ancestrais

casas talvez brancas

bairros de adobe

avenidas ocidentais

mesquitas

na poeira do cansaço

um nome semimágico

teerão

a história do xá

um povo sem voz

à espera

o silêncio compungido do imperialismo

aterrámos lado a lado com estrelas ianques

estranho porto no coração do petróleo

persépolis foi há 2500 anos

o mito de alexandre

hoje.

III INDIANA UNIÃO

a meu lado um saxónico cacareja

o nojo imenso da miséria

suja imundície

estamos em delhi, a nova

capital das castas

ghandi morreu há muito e era mahtma

indira é mulher e déspota ao que dizem

país estranho de contrastes e civilizações

dele guardo esconsas imagens

fome e pobreza

estamos no subcontinente da morte lenta

aliviado respiro

ao deixar o hindustão

IV. NO REINO DO SIÃO

é já dia

os arrozais me espreitam

verde o país

castanho é bangucoque

em plena pista búfalos pachorrentos

a banhos de lama

camponeses debruçados

nos pântanos colhem o arroz

pequenas árvores dividem o asfalto

chove lá fora

sob 42º C de sol

lufadas de calor húmido nos penetram

densa respiração no ar por condicionar

lentas formalidades num inglês arrevesado

a vida possui aqui uma lenta ritmia

*todo o tempo nos espera
nas autoestradas camionetas com jovens
patrolhas militares
todos os veículos se cruzam dos lados todos
coloridos templos incrustados de pedrarias
ouro maciço de budas
descalços com cintos sagrados
nos embasbacámos
este o país do mistério
igrejas e fortes portugueses
memórias de tratados reais siameses e lusitanos
o mercado flutuante é uma cidade imensa
longos canais pútridos nesta veneza oriental
sente-se o aroma do dólar nas ruas
por entre golpes de estado adiados
a cem quilómetros se combate
é o apelo do futuro
os thais são simpáticos e ardilosos
milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus
os preços função da nacionalidade
no faustoso erawan hotel
o luxo grandiloquente oriental
a sofisticada comodidade do ocidente
uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos
para lá das faces mudas
se encerra
o mistério
o convite
voltarei um dia.*

V. TIMOR

timor cresceu cercado

lendas que a distância empolgou
o sonho
a quietude
as 1001 noites do oriente exótico
o sortilégio dos trópicos
para o europeu
chegar era já desilusão
desprevenido
sobrevoa estéril ilha
montes e pedras
agreste paisagem sulcada
leitos secos
abruptas escarpas
terra sem marca de homem
esparsas cabanas de colmo
será isto timor?
o avião desce o vazio em círculos
em vão os olhos buscam a pista
por trás de um montículo imprevisto
se vislumbra o “T”
e a torre de controlo dos folhetos de propaganda
nunca existiu (naquele formato)
a alfândega é o bar
a sala de espera
sob o zinco e o colmo
isto é baucau
aeroporto internacional
a vila salazar dos compêndios
que a história esqueceu
uma turba estranha se amontoa

à chegada do cacatua-bote¹
o patas-de-aço
esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro
descendo dos céus
dia de festa para os trajes multicoloridos
o contraste do castanho de sóis pigmentados
cinco da matina
e é já o pó e o calor
o espanto mudo nas bocas incrédulas
as formalidades aqui com sabor novo
espera lenta e compassada
séculos de futuro por viver
antes que ele venha
antes não venha
num barracão zincado uma velha bedford
de carga com caixa fechada
vidros de plástico sob o toldo puído
pomposo dístico colonial
carreira pública baucau-dili
picada em terreno plano
mar ao fundo
baucau
cidade menina por entre palmares
densa vegetação tropical
connosco se cruzam estranhos homens de lipa²
galo de combate ao colo
entre torsos e braços nus
das ruínas do mercado se evocam
desconhecidos templos romanos

1 cacatua-bote ou patas-de-aço eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

2 lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

estrada n.º 1 até díli

sulcam-se abruptas as encostas

ao mar sobranceiras

ali se adivinham cristais multicolores

em lugar de pontes se atravessam ribeiras

enormes

leitos secos

o tempo as converteu em estradas de ocasião

pedregoso solo

cores indefinidas

castanhos e verdes

palapas³ dissimuladas na paisagem

imagens tristes de pedras e montes

baías primitivas

inconquistas

praias de despojos e conchas

paraísos insuspeitos

as gentes de sorrisos vermelhos

assusto-me

não é sangue nas bocas gengivadas

masca, mescla de cal viva e harecan⁴

placebo psicológico da alimentação que falta

um sorriso encarnado esconde a fome

súbito

por paisagens que só a memória

sem palavras descreverá

eis díli

a capital

3 casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

4 folha de planta semelhante à do tabaco

larguíssima avenida semeando o pó nas palapas

casas de pedra com telhados de zinco

na ponta leste chinas e timores

partilham a promiscuidade da pobreza

díli

plana e longa

a vasta baía antevendo imponente

o ataúro ilha

um porto incipiente

a marginal desagua no farol

construções coloniais pós 1945

da guerra que ninguém quis

dos mortos que os japoneses quiseram

da neutralidade do país mãe calado e violado

albergam chefes de serviço

altas patentes militares

sem guerras para lutar

sem movimentos libertadores das gentes

quinze quilómetros de asfalto

três casas dantes da guerra grande

aeródromo em terra batida

um jipe de afugenta búfalo

a rua comercial atravessa díli senhora

de leste a oeste

espinha dorsal

o centro

o palácio das repartições

o do governo

perto um museu

o seu nome ostenta o vazio

riquezas sem fim

seus governadores exportaram

patriotas

colonizadores de séculos com nada para mostrar

um museu morto

dois sinaleiros nas horas de ponta

ociosos às portas dos cafés

à noite transfiguram-se

os bas-fond

o texas bar

da prostituição às slot machines

o submundo

a vida underground

afogar esperanças em álcool

sonhos há muito perdidos nunca sonhados

restaurantes poucos

melhor comida a chinesa

bares espalhados pela cidade

militares e álcool para calar distâncias

um portugal dos pequeninos

longínquo

cada vez mais

esquecido

nunca

perdido.

1973 numa cidade sem vida

morrendo nas cinzas

próprias de cada noite

por entre o silêncio e a voz triste dos tokés⁵
o calor putrefacto
por entre o voo alado das baratas gigantes
carros poucos
de dia só do estado
motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes
esperando mulheres de oficiais
às portas dos cabeleireiros
do liceu
militares a pé
em berliets ou unimogs
chineses muitos
d'íli é isto
a desolação
na parte alta da cidade o complexo militar
barracas insalubres
sob a sombra dos hospitais
um civil um militar
fresco e verdejante vale
triste esta cidade
pretensamente euro-africana
palapas marginando ruas
nelas vive o timor
sem água nem luz
dez ou quinze filhos
que importa
a miséria é só uma e a mesma?
esta “a terra que o sol em nascendo vê primeiro”

5 espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som toké.

aqui as imagens

e são já história

não se repetirão

aqui não daremos testemunho

como transfigurar

colónias pacíficas

em palcos de guerra.



Carreira pública Díli – Baucau - Díli

Mal chegamos a Timor vimos uma paisagem desoladora, árida e suja. Meteram-nos na traseira duma velha carrinha Bedford com bancos de suma-a-pau e toldo de lona durante umas épicas sete (7) horas rumo a Díli. A estrada mal se via, tantos eram os precipícios sobre a costa alcantilada. Depois duma curta paragem na messe onde comemos e bebemos uma refeição ligeira eram cinco da manhã e o calor já apertava. Ia alto o sol. A meio da viagem duns 400 km paramos para tomar outra refeição mais ligeira no pequeno quartel do Manatuto e chegamos à messe de oficiais em Díli pelo meio-dia. Nem queiram saber qual a cor do meu blazer azul e calças de linho brancas e as do major Santos Clara idem.

95.6. CHEGADA

Timor esteve sempre envolto em lendas e contarellos que só a distância pode criar. Em Portugal, Timor não passava de um sonho, a calma quietude das mil e uma noites, do Oriente exótico e dos sortilégios dos trópicos. Mas ao chegar, um Europeu só podia sentir a desilusão, de repente sobrevoando uma ilha aparentemente estéril, cheia de montes e pedras, um cenário rústico

intersectado por ribeiras secas, altas escarpas abruptamente voltadas ao mar, uma terra devastada ecologicamente, sem sinais de vida ou a marca de civilização humana.

Timor é de facto assim, com casas esparsas de bambu que se vislumbram por sob as asas do bimotor. O visitante questiona-se: "Como é isto possível? Será isto Timor? O pequeno avião desce em círculos concêntricos, e os passageiros – inquietos – procuram em vão um aeroporto que teima em não se mostrar. De súbito, por detrás de uma colina – que ninguém anteviu, por entre uma rotação brusca, aí está o pequeno "T" da pista. A torre de controlo dos panfletos turísticos não se vislumbra, os edifícios poeirentos com teto de colmo são a aduana, o bar e o salão de embarque. Este é o aeroporto internacional de uma Vila Salazar, mais conhecida como Baucau, que só existe nos textos de geografia dos liceus portugueses.

Uma estranha urbe se aglomera cá fora. Este é o espetáculo sempre indescritível da chegada do "cacatua bote (a grande catatua)" ou o "patas de aço". Uma espécie de cerimónia a um deus estrangeiro descendo dos céus. As pessoas parecem assistir a esta manifestação sagrada como o começo de uma nova religião. As suas vestes multicores contrastam com os muitos sóis a que os séculos as expuseram. São apenas cinco da matina, poeirentas e calorentas.

Como oficial miliciano da Intendência, e não como um profissional homem de armas, o autor sentiu-se como um dos muitos seguidores da Junta Militar ou Frente de Salvação Nacional, em Lisboa, forçado a escolher entre desertar ou sujeitar-se a dois anos de luta contra os movimentos de independência africana em Angola e Moçambique ou três anos de solidão nesta remota, mas pacífica terra.

Uma surpresa muda acompanha os esgares dos recém-chegados. Aqui, as formalidades têm um novo sabor, semelhante ao lento, mas rítmico compasso de espera das pessoas que nos esperavam, como se tivessem séculos de vida para viver. A alguma distância, uma velha camioneta Bedford com telhado de zinco, abriga-se do sol protegendo os velhos bancos de madeira, sob o pomposo sinal de Carreira Pública #1 Díli – Baucau.

A sinuosa estrada de montanha volve-se para o mar, descendo lentamente para esta cidade menina, Baucau, escondida entre as folhas dos palmeirais e luxuriantes florestas tropicais. Pela traseira da camioneta vislumbram-se novas imagens de uma terra morta à nascença. Cruzamo-nos com homens vestidos com uma lipa⁶ estreitando galos de luta entre os seus braços nus e o torso, enquanto caminham.

Baucau tem algumas casas de pedra, para além das de terra e adobe, e o aspeto exótico da sua população colorida. Das ruínas do mercado evocam-se templos romanos desconhecidos. Uma curta paragem para uma sandes e limonada na messe do quartel-general local, em frente à piscina da

⁶ Lipa - tipo de vestuário usado por ambos os sexos enrolado da cintura para baixo

Pousada, que subitamente parece estar deslocada no tempo e no espaço. Logo a seguir estamos de regresso à estrada n.º 1 Baucau - Díli.

Encostas escarpadas, a pique sobre um mar de corais brancos. A picada de montanha, por vezes aproxima-se tanto do abismo que os nossos corações entram em animação suspensa. Ao longo do caminho vamos atravessando leitos secos de ribeiras que o tempo, a incúria dos homens e os elementos converteram em estrada de ocasião.

O chão de gravilha, por vezes apenas pedregoso, a cor indefinida entre o castanho e o verde, as palapas⁷ disfarçadas por entre a vegetação, tudo serve para propiciar uma imagem de pedras e colinas. As baías, primitivas e inconquistas por barcos de qualquer tamanho ou tipo, as praias cheias de conquilhas e outros destroços das ondas, revelam paraísos insuspeitos.

É difícil ver os nativos e os seus sorrisos abertos. Engasgo-me espantado, mas não é sangue que jorra dos seus lábios, apenas a masca: uma mistura de cal e harecan.⁸ Mastigá-la é um placebo psicológico para a comida que não existe. (em janeiro 1998 ouço o José Ramos Horta a apelar à solidariedade internacional para debelar a fome que ainda grassa no território). Os sorrisos vermelhos escondem fomes de séculos.

De súbito, após passar e deixar para trás vilas e aldeias que só a memória despalmada pode recordar, eis Díli: 212 km e onze horas mais tarde. Uma avenida extremamente larga espalha a poeira pesada por sobre o colmo das palapas vizinhas e por algumas casas de cimento com teto de zinco. Ao entrar em Díli, por leste, podiam ver-se os chineses e os timorenses a partilharem a promiscuidade criada pela falta de estruturas urbanas adequadas.

Díli é uma planície que se espraia por um mar espelhado como um lago, com uma baía majestosa acentuada pela sombra imponente da ilha do Ataúro. Um porto incipiente abriga uma lancha (que raramente podia sair para a água) onde flutua uma bandeira portuguesa. Uma longa avenida acompanha a marginal costeira de Díli, terminando no bloco residencial do Farol, onde as vivendas coloniais construídas depois da 2ª Grande Guerra abrigam os chefes de departamento e os escalões superiores do exército colonial.

Por esta época, Díli dispunha apenas de 16 quilómetros de asfalto esparsamente distribuídos por pequenas, e poucas estradas e ruas da capital. Três casas apenas sobreviveram à devastação nipónica da Grande Guerra. No aeroporto um *Land Rover* limpava a pista dos pachorrentos búfalos, das vacas balinesas e porcos selvagens. A principal artéria comercial atravessa Díli de ocidente a oriente, através do centro comercial, espinha dorsal da capital, e onde se alberga o Palácio do Governo (um imponente edifício pomposamente denominado Palácio) e o Museu cujo nome

⁷ palapas: casas tradicionais, de colmo com teto circular.

⁸ Harecan: uma folha vegetal, tipo folha de tabaco

ostenta o vazio de todos os tesouros exportados por anteriores governadores e colonizadores, ao longo dos séculos.

Um museu vazio, dois polícias sinaleiros nas horas de ponta, e poucas pessoas pachorrentamente sentadas nas esplanadas. É ali que, à noite podemos encontrar os verdadeiros bas fonds⁹ de Díli, não só as prostitutas locais, mas também as máquinas de póquer e as slot-machines. O submundo, a vida subterrânea, o afogar de esperanças e sonhos há muito esquecidos, uns poucos restaurantes servindo comida chinesa, bares como o “Texas” e a “Tropicália” onde os soldados e a bebida silenciam uma progressivamente maior distância de Portugal, a saudade, o desespero e outras maleitas.

Díli, setembro 1973, uma cidade sem vida, morrendo devagar nas suas próprias cinzas, por entre o silêncio e a triste voz rítmica dos tokés, o calor pútrido e o voo alado das gigantescas baratas.

Durante o dia podiam-se ver alguns, dos poucos carros particulares, e muitas viaturas oficiais com a sua típica cor negra. Inúmeras motorizadas circulavam por entre os jipes do exército conduzidos pelos motoristas militares que esperam pacientemente frente ao liceu ou ao cabeleireiro as esposas, tornadas professoras de liceu, dos oficiais do exército português. Estarão mesmo no liceu, na escola primária ou no cabeleireiro? O pessoal militar a pé ou nas Berliets e Unimogs. Por entre os timorenses, veem-se chineses. Díli é isto, a desolação.

Nas colinas num local para esquecer, como relíquia de uma guerra perdida, estavam as instalações militares com o seu quartel-general e os barracões insanitários. Pode ter sido um ótimo local duzentos anos antes, bem abrigado pelas montanhas circundantes, mas a sua localização estava fora do seu tempo e espaço. (Dizem as lendas que em 1973 – pouco antes de eu chegar – o José Ramos Horta querendo provar a indefensabilidade e exposição de vulnerabilidade do QG assaltara uma sentinela para alertar exatamente para a sua fragilidade).

Quinhentos metros acima do nível do mar, num local proeminente abrigado pela densa vegetação estavam os dois hospitais: um pequeno grupo de edifícios mais modernos para os civis, outro edifício mais antigo para os militares apenas dispendo de uma dúzia e meia de camas.

Esta cidade pretensamente europeia é triste. As palapas, crescendo para os passeios quase inexistentes, albergam os timorenses que ali vivem sem luz elétrica, sem água encanada nem esgotos. Dez ou quinze crianças brincando em volta alheias a tudo. Que lhes interessa se a miséria é a mesma, será sempre a mesma?

9 Mundo subterrâneo.

“Esta é a terra que o sol, em nascendo, vê primeiro”, a insígnia oficial proclama bem alto do escudo e brasão de armas do então Timor Português.

Com isto, eu lego as imagens e as palavras. Elas fazem já parte integrante da História e não se irão repetir num milhão de anos. Isto presenciámos: como transfigurar pacíficas colónias do Pacífico em cenários de guerra e morte.